

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE
PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO
PROFESSOR NOTA 10



Barbara Inacia Caetano
Claudia Rocha de Moura
Cynthia Teixeira Vecchi
Francimeire Lima de Assis Ribeiro
Gilvaneide Costa Nobre

(IN)DISCIPLINA: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO

Brasília
2006

Autores pesquisados/categorias selecionadas

Autor/ Página	Ano/ Medidas/ Sugestões para amenizar o problema da indisciplina	Focos das Sugestões
MACEDO, Lino de. 2005, p. 46	“O professor tem que tratar todos os alunos de um modo justo. O educador deve dar exemplo, cumprindo o que promete.”	Fundação do professor e metodologias
LOPES, Áurea. 2005, p. 45	“A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os estudantes, que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina.”	Relação professor-aluno
FERNANDES, apud LIMA, 2006, sp.	“Independentemente das características da turma, nas primeiras aulas os agentes educativos devem assumir uma postura autocrática. O estilo autocrático estabelece regras de convivência, impõe objetivos, bem com métodos, porém não confunde-se com o ditatorial. O autocrático caracteriza-se pela firmeza e clareza. Em fases mais avançadas, os professores podem adotar o estilo democrático, mais aconselhável para trabalhos de grupo em que se pretende estabelecer a criatividade.”	Fundação do professor e metodologias
LIMA, Teresa. 2006. sp	“Os elementos mais indisciplinados têm que ser diluídos por várias turmas, em vez de agrupados numa só turma; É preciso que o líder fale a mesma linguagem dos alunos, porque só é aceito formalmente se o for informalmente; O professor, em cada ato educativo, tem que ter criatividade para descobrir a forma mais interessante de expor os	Papel da escola Papel do professor e metodologias;

	conteúdos, para poder motivar o aluno.”	
LOPES, Áurea. 2005, p. 49	“Recorra aos contratos; Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar a atenção quando ocorre uma transgressão; Não considere a indisciplina um ataque pessoal. Não aceite provocações para não reforçar comportamentos indesejados.”	Relação professor-aluno
MACEDO, Lino de. 2005, p. 26	“Na Educação Infantil, a brincadeira, a fantasia, as histórias são ótimas estratégias. O recurso lúdico soa sincero para a criança, porque é uma espécie de dramatização do assunto, uma elaboração simbólica da questão. Nesta idade, outro recurso possível é simplesmente, com habilidade, dar uma ordem e pedir que ela seja cumprida, pois a criança sabe que existe uma diferença entre ela e o adulto. Dos 7 aos 11 anos é interessante para trabalhar disciplina como uma boa regra ou uma regra sem qual, certas coisas não se desenvolvem bem. O convencimento se dá de forma empírica, com exemplos, discussão, não mais como faz-de-conta, nesta fase há a negociação da regra.”	Relação professor-aluno
LOPES, Áurea. 2005, p.49	“Não grite se o barulho se sobrepõe a sua voz, espere em silêncio [...] Recorra aos contratos. Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar a atenção quando ocorre uma transgressão. [...] Seja coerente com o que pede aos alunos. [...] Não considere a indisciplina uma ataque pessoal. Não aceite provocações [...] Seja enérgico quando necessário sem perder o afeto.	Papel do professor e metodologias

	[...] Não desanime. A assimilação da indisciplina é um processo gradativo e exige investimento.”	
VOLKER, Paulo, 2003, p. 13	“Aproveitar a vivencia da disciplina e indisciplina para dinamizar o processo em níveis melhores de qualidade. [...] Diferenciação entre o ato de disciplina (compreensão dessa teoria) saber trabalhar com as instabilidades. [...] Diminuir a guerra civil que culmina com barbárie social.”	Papel do estado, da sociedade e da família;
CARRARA, João Alfredo. 2005 p. 18 - 19	“Torna-se necessário ter maior conhecimento acerca do desenvolvimento do ser humano. [...] Maior preparação dos professores. [...] Educar democrática, inclusiva e responsavelmente [...] Reconquista do espaço e respeito da autoridade do professor fora e dentro da escola. [...] Qualificar o professor [...] O professor precisa ser mais “aberto” às novas posturas; partilhar responsabilidades pelas decisões tomadas e respeitar os sujeitos. [...] Fazer valer os combinados. [...] Rever atitudes, atualiza-las. [...] Agir com maturidade pedagógica, enfim ser ético.”	Papel do professor e metodologias
TIBA, Içami. 1996, p. 197 - 198	“Ter autoridade não significa ser autoritário. Autoridade e carinho são apenas dois critérios diferentes: um refere se ao afeto no relacionamento e o outro à posição de poder. A autoridade e o carinho devem estar sempre presentes no processo educativo.”	Papel da escola
TIBA, Içami. 1996, p. 107	“Se os pais não tiverem método, os filhos deixarão de cumprir com suas obrigações.”	Papel do estado, da sociedade e da família

DONATELLI, Dante. 2004, p. 181.	“Ao remeter a idéia de (in)disciplina à palavra limite a escola, na verdade está se desdobrando para dar ao aluno uma oportunidade de se sentirem capazes de transpor limites sem que estranhem.”	Papel da escola
DONATELLI, Dante. 2004, p. 193.	“A escola também tem funções sociais e políticas que nos últimos tempos parecem ter sido esquecidas; ela deveria compor regras, normas, impor parâmetros e referências morais aos indivíduos. Essa é sua vocação, seu dever; é parte da função que a sociedade exige dela.	Papel da escola
TIBA, Içami. 1996, p. 117	“Por isso é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as indisciplinas mais comuns [...]”	Papel do professor e metodologias
TIBA, Içami. 1996, p. 124.	“O professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são: alegria, bom humor, respeito humano e disciplina. “Se de fato o professor integrou a formação à sua vida – e não apenas a decorou – ele é capaz de fazer a correlação entre matéria e os fatos cotidianos.”	Papel do professor e metodologias
TIBA, Içami. 1996, p. 125.	“Os requisitos para um professor ser adorado é combinar senso de humor e movimentação cênica (fazer não só com a boca, mas com o corpo inteiro); é saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; é saber ouvir e exigir quando necessário.”	Papel do professor e metodologias
TIBA, Içami. 1996, p. 128.	“O professor precisa provocar captar a atenção dos alunos para o que ele esta falando.”	Papel do professor e metodologias

<p>TIBA, Içami. 1996, p. 129.</p>	<p>“Pedir para o aluno trazer recortes, ter bom humor, estabelecer limites, fazer provas que avaliem o conhecimento etc. são alguns ingredientes que o professor pode utiliza para ser bem sucedido em sala de aula.”</p>	<p>Papel do professor e metodologias</p>
<p>TAILLE, Yves de La. (apud AQUINO, 1996, p. 23).</p>	<p>“[...] somente resta à escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. Não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública.”</p>	<p>Papel da escola</p>
<p>LAJONQUIÈRE, Leandro de. (apud AQUINO, 1996, p. 36)</p>	<p>“[...] Em primeiro lugar, há que aprender a desistir um pouco da exigência louca de querer reencontrar no aluno real a criança ideal; e, em segundo, deve-se contestar o processo de psicologização metodológica.</p> <p>Assim, livres moralmente dos imperativos pedagógicos, nos dedicaremos a reinventar o cotidiano escolar. Ofertando aos alunos cultura e não migalhas pedagógicas em bondade psicoafetivas, estaremos acertando eticamente nossas contas com o passado que nos assujeita. Por acréscimo, como aliás a história nos mostra e a própria psicanálise afirma a priori, as crianças sempre algo aprenderão para além de toda “sua” (in)disciplina”</p>	<p>Papel do professor e metodologias</p>

<p>GUIMARÃES, Áurea M. (apud AQUINO, 1996, p.80).</p>	<p>“É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje freqüentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos. [...] Empreendimentos que flexibilizem o tempo e o espaço do território escolar, que não excluam a possibilidade de dissidências e nem o debate sobre estas questões, [...]</p>	<p>Papel do estado, da sociedade e da família</p>
<p>ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. (apud AQUINO, 1996, p. 114)</p>	<p>‘[...] somente uma transformação no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade poderá fazer com o problema da indisciplina seja encarado sob uma perspectiva diferente. Nesse sentido, deve-se objetivar que os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito tenham como pressuposto os ideais democráticos de justiça e igualdade, bem como a construção de relações que auxiliem esse sujeito a “obrigar sua consciência” a agir com base no respeito a esses princípios, e não por obediência.”</p>	<p>Papel do estado, da sociedade e da família</p>
<p>AQUINO, Júlio Groppa. 1996, p. 54</p>	<p>“Em primeiro lugar, o <i>investimento nos vínculos concretos</i> abdicando, na medida do possível, dos modelos idealizados de aluno, de professor e da própria relação, e potencializando possibilidades e chances efetivas de cada qual [...] Em segundo, a <i>fidelidade ao contrato pedagógico</i>. É imprescindível que este seja razoavelmente claro para ambas as partes, e que se restrinja ao campo do conhecimento acumulado, mesmo que</p>	<p>Papel do professor e metodologias</p>

	as cláusulas contratuais tenham que ser lembradas todos os dias [...] E, por fim, a <i>permeabilidade para a mudança e para a invenção</i> . É certo que o professor também tem que reaprender seu ofício e reinventar seu campo de conhecimento a cada encontro.” (grifo do autor)	
CARVALHO, Sérgio F. de Carvalho, (apud AQUINO, 1996, p. 138).	“Ter um método para transmitir disciplina não é ter um discurso sobre a disciplina, mas é criar uma maneira de trabalhar. Tal maneira será tanto mais eficaz quanto mais o professor tiver clareza de objetivos e procedimentos dos conteúdos ou áreas de conhecimento com os quais deseja trabalhar. Nesse sentido, o problema da disciplina escolar desloca-se do âmbito e da perspectiva moral e comportamental para situar-se no âmbito de apropriação de <i>práticas e linguagens públicas</i> , em cuja difusão reside a principal atividade das instituições escolares. (grifo do autor)	Papel do professor e metodologias
SILVA, Nelson Pedro. 2004, p. 155 – 204.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade; 2. Oferecimento de condições para a conscientização de todos os envolvidos; 3. Democratização das relações escolares; 4. Deixar de ver o aluno indisciplinado e violento como problema; 5. Orientação pedagógica, psicopedagógica e psicológica; 6. Conceber e concretizar a educação como fator de desenvolvimento; 7. Ter a dignidade do ser humano como parâmetro educativo; 	<p>Relação professor-aluno</p> <p>Papel do professor e metodologias;</p> <p>Papel do estado, da sociedade e da família;</p>

	<p>8. Articular os conteúdos tradicionais à vida;</p> <p>9. Substituir o uso de punições expiatórias pelas sanções por reciprocidade;</p> <p>10. Abolir qualquer forma de humilhação;</p> <p>11. Priorizar os valores morais e éticos.”</p>	<p>Papel da escola;</p> <p>Formação do professor</p>
SILVA, Nelson Pedro. 2004, p. 174	<p>“É necessário que os professores e os demais membros responsáveis pela administração e pela manutenção da instituição escolar recebam orientação psicopedagógica, “formação” pedagógica e assistência psicológica. Tais medidas visam, dentre vários aspectos, a oferecer as condições para que os educadores (caso queiram) aprendam ou relembrem conteúdos pedagógicos, filosóficos, metodológicos e relacionados ao desenvolvimento humano, necessários ao exercício da profissão.”</p>	<p>Formação do professor</p>
RESZKA, Maria de Fátima. 2000, p. 80	<p>“aposta-se hoje na Formação Continuada de Professores em Serviço, para conseguir trabalhar a formação com os professores na escola. Guiados por uma escuta, donde advém do discurso as temáticas, seria esta uma formação que resultaria na construção da cidadania, e conseqüentemente, numa educação para o sujeito.”</p>	<p>Formação do professor</p>
RESZKA, Maria de Fátima. 2000, p. 80	<p>“Sente-se, também, que a formação nos bancos escolares universitários, deixa a desejar, pois as expectativas e as necessidades deste ensinante (que neste lugar é aprendiz), não são atendidas,</p>	<p>Formação do professor</p>

	entendidas. Depara-se com professores que quando chegam à prática, a teoria que receberam não dá conta do fazer pedagógico.”	
FREIRE, Paulo. (apud REBELO, 2002, P.80).	“O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.”	Papel do estado, da sociedade e da família;
REBELO, Rosana Aparecida Argento. 2002, p. 80	“Se anteriormente apresentamos a insuficiência da formação do professor, a prática inadequada, a resistência docente ao novo e currículo alienante como causas da indisciplina escolar e, se muitas dessas causas se relacionam com os aspectos que citamos acima, podemos concluir que as políticas são responsáveis também pela indisciplina escolar.”	Formação do professor
REBELO, Rosana Aparecida Argento. 2002, p. 81	“A formação continuada para professores também não é consistente, pois não se percebe uma coerência entre competência prática e teórica. É notória a falta de um conhecimento mais profundo sobre o que se discutir, ficando os assuntos sem seus reflexos positivos em sala de aula. Os cursos, quando existem, são distantes um do outro e sem grandes novidades, justamente porque o discurso é de uma teoria implantada por uma administração progressista e a prática é vinculada a uma visão de mundo que valoriza ingenuamente a escola como um espaço apenas de formação para o trabalho.”	Formação do professor

Barbara Inacia Caetano
Claudia Rocha de Moura
Cynthia Teixeira Vecchi
Francimeire Lima de Assis Ribeiro
Gilvaneide Costa Nobre

(IN)DISCIPLINA: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília-UniCEUB, como
parte das exigências para conclusão do
Curso de Pedagogia - Formação de
Professores para Séries Iniciais do Ensino
Fundamental-Projeto Professor Nota 10.
Orientadora: Doutora Maria Eleusa
Montenegro

Brasília
2006

A todos os educadores que acreditam no poder de transformação por meio da educação.

Aos nossos familiares pelo apoio e compreensão da importância dos estudos em nossas vidas.

“Se os meus escritos valem alguma coisa, possam os que tiverem [...] utilizá-los do melhor modo que entender.”

Descartes

RESUMO

A questão da (in)disciplina envolve pais, mestres e sociedade como um todo, pois expõe o termômetro social. Indisciplina denota insatisfação, revolta e suas ações prejudicam o bom desenvolvimento de um projeto educacional. É preciso discutir e analisar a questão disciplinar na escola que tem sido apresentada como um dos cerne do fracasso escolar, geradora de muitas discussões entre os educadores e a sociedade. Questiona-se o porquê dessa indisciplina tão crescente nos últimos tempos. Buscando uma forma apropriada de melhor abordar o comportamento disciplinar, este trabalho visa contribuir para o aprofundamento da temática no âmbito escolar, colaborando para melhor atender e/ou administrar os problemas nesta área. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e o instrumento para coleta de dados foi o roteiro de análise documental. As categorias selecionadas para organização, análise e discussão foram: relação professor-aluno; papel do professor e metodologias; papel do estado, da sociedade e da família; papel da escola; e formação do professor. Os principais resultados dessa pesquisa foram: é necessário estabelecer uma relação dialógica e a negociação de regras entre educadores e educandos sendo a melhor forma de promover a disciplina; adoção, pelo professor, de metodologias adequadas, atitudes e valores, criatividade e liderança, não confundindo autoridade com autoritarismo; o papel do estado, da sociedade e da família necessita de mais instrumentalização, transformação nas práticas organizacionais e pedagógicas e parâmetros que valorizam o ser humano como um todo; a escola tem por finalidade preparar os indivíduos para o exercício da cidadania e, com isso, são necessários conhecimentos sólidos, respeito, relações dialógicas e harmônicas, conjunto de normas e valores morais; os professores estão aptos a exercer suas funções com mais segurança e satisfação quando se encontram preservados física e mentalmente, e atentam-se para as inovações pedagógicas. O trabalho proporcionou novos conhecimentos sobre a (in)disciplina. Abordou vários aspectos de um tema que é comum, e ao mesmo tempo, de difícil resolução. O estudo tratou de diversos agentes e recursos que influenciam a educação e que interferem ou não na indisciplina. A pesquisa mostrou que na tentativa de amenizar a problemática, se faz necessário explorar o potencial do professor, dos alunos e da família por meio do trabalho coletivo, rompendo os limites do âmbito escolar, revolucionando o modo ensino-aprendizagem e distribuindo responsabilidades.

Palavras-chaves:

Disciplina. Professor-aluno. Escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

- 1.1 JUSTIFICATIVA 7
- 1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA 8
- 1.3 OBJETIVOS 9
 - 1.3.1 Objetivo Geral 9
 - 1.3.2 Objetivos Específicos 8

2 REFERENCIAL TEÓRICO 10

- 2.1 A (IN) DISCIPLINA AO LONGO DO TEMPO: UM BREVE HISTÓRICO 10
- 2.2 CONCEPÇÕES DE (IN) DISCIPLINA 12
- 2.3 AUTORIDADE X AUTORITARISMO: A (IN) DISCIPLINA NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO 15
- 2.4 (IN) DISCIPLINA: UMA QUESTÃO PREOCUPANTE NA ESCOLA 19
- 2.5 AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA INDISCIPLINA 20

3 METODOLOGIA 24

- 3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS 24
- 3.2 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS 25
- 3.3 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS 25
 - 3.3.1 Especificação das categorias escolhidas 25
 - 3.3.2 Organização, análise e discussão dos dados 25

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 36

REFERÊNCIAS 38

APÊNDICE – Roteiro de análise documental 40

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

A indisciplina nas escolas tem causado muitas discussões entre os profissionais da educação, os pais e até mesmo entre os alunos, por sua crescente e intensa ocorrência no cotidiano escolar. É imprescindível que todos envolvidos no processo educacional se interessem por pesquisar e estudar sobre o assunto, pois, está se formando nas escolas situações muito violentas envolvendo alunos, professores e os pais.

Aspectos físicos, emocionais, familiares, escolares, culturais e socioeconômicos devem ser considerados em sua abrangência e particularidades, já que os professores vivem e partilham dos problemas de comportamento dos alunos dentro e fora das aulas desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. A educação vem enfrentando um grande desafio: resgatar no aluno o desejo de aprender os conteúdos curriculares trabalhados na instituição escolar.

A questão da disciplina na escola tem apresentado conseqüências que vão desde o fracasso escolar até acontecimentos gravíssimos. O comportamento dos alunos tanto em casa como na escola, é o mesmo, e isso está gerando conflitos dentro das famílias, de qualquer classe econômica. Os pais estão sofrendo com a situação que vêem seus filhos se interagirem. Os professores não se sentem capazes de contribuir para a formação sócio-cultural; os valores estão se perdendo, e com eles perdas maiores. A autoridade do professor não está frágil apenas em sala; é evidente o declínio de condições pedagógicas, psicológicas, físicas e financeiras, o que agrava o problema de indisciplina.

Se a criança tem tudo no tempo e na hora que deseja, sem que se estabeleça limite algum, não conseguirá vivenciar a angústia da espera, da perda, da falta, pois não foi preparada para esse tipo de sentimento. O estabelecimento de limites faz parte da educação da geração mais velha sobre a mais nova, do processo civilizatório, e ela se processa apoiada numa escala de valores. Essa escala de valores varia de sociedade para sociedade. Todos envolvidos na educação de uma criança têm participação em sua formação cognitiva, a família, a escola e a

sociedade têm que se preocupar com o quê, de que maneira, até que ponto a criança está pronta para adquirir certos conhecimentos e aplicá-los.

Como reação do desgaste emocional e físico dos professores e dos pais, está gerando uma onda de depressões, violência doméstica, violência escolar e muitos outros acontecimentos envolvendo, principalmente, os alunos. Os professores estão doentes, e começam a faltar às aulas e o aluno fica com falhas no seu aprendizado. Da mesma forma os pais, que se preocupam tanto e também ficam doentes, tirando os filhos da escola para cuidarem deles. Os alunos se envolvem em tantas confusões que chegam a perder a própria vida.

Aquino (1996, p. 40) afirma que o comportamento disciplinar ultrapassa o âmbito didático-pedagógico, tomando proporções cada vez maiores nas escolas públicas e particulares:

É certo, pois, que a temática disciplinar passou a se configurar enquanto um problema interdisciplinar, transversal à Pedagogia, devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências da Educação. Um novo problema que pede passagem.

Da análise reflexiva feita aqui, podem resultar constatações sobre a necessidade de se ajustar, modificar ou atualizar conceitos relativos que se pretende estabelecer como (in)disciplina.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Este estudo pretende analisar a questão da conduta disciplinar na escola, que atualmente se apresenta como uma questão preponderante aos profissionais em educação, visto que suas causas e significados tornam-se confusos ao serem comparados com: conduta desordenada, bagunça, tumulto, falta de limite, mau comportamento, desrespeito, rebeldia, má educação etc.

Todos esses fatores levam a questionar o que se pode fazer para resolver o problema da indisciplina. Como amenizar o atraso sofrido pelo agente deste comportamento, quanto ao seu desenvolvimento e de sua aprendizagem? Qual postura deve ter o professor para lidar com a indisciplina em sala de aula? Como deve ser a relação do professor com seu aluno a fim de solucionar o problema disciplinar? Quais papéis a escola, a família e a sociedade devem exercer para amenizar a questão da indisciplina? A organização do Estado e da sociedade

influencia positivamente ou negativamente no processo educativo? O aluno indisciplinado não reconhece as regras, desafia o professor e tem rendimento abaixo da média? Dentre esses, estão outros vários questionamentos que se tornaram incógnitas para pais e educadores. Numa época em que os problemas enfrentados no cotidiano escolar, estão sendo cada vez mais observados e seus estudos aprofundados.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é contribuir para o aprofundamento do estudo acerca da (in)disciplina no âmbito escolar de modo a colaborar para a resolução de problemas nesta área.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar o papel do professor e do aluno enquanto agente do problema disciplinar;
- Distinguir os segmentos que influenciam no fenômeno da (in)disciplina;
- Oferecer subsídios aos professores para minimização do problema da indisciplina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A (IN)DISCIPLINA AO LONGO DO TEMPO: UM BREVE HISTÓRICO

Desde os tempos mais remotos tem-se estudado o processo da disciplina, em sala de aula; como ela acontece e quais os aspectos que interferem na indisciplina. E dependendo da época histórica ela apresenta um conceito, uma forma de ser interpretada, por isso é importante que ela seja contextualizada historicamente.

As concepções acerca da disciplina prevalecem no decorrer das décadas, porém as causas e os sujeitos foram modificados.

Vale ressaltar que essa questão não é nova, ela tem atingido outras gerações, conforme Sócrates (apud MAGALHÃES, 2003, p. 17), ao dizer que “nossa juventude adora o luxo, é mal educada, caçoa da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos são verdadeiros tiranos”.

A questão da disciplina x indisciplina é tão remota e complexa como o surgimento da humanidade. Atualmente, tornou-se um fator preponderante na criação de uma pessoa e no processo ensino-aprendizagem; portanto, é discutida freqüentemente entre estudiosos contemporâneos.

Dentre os estudiosos da disciplina pode-se destacar:

Emile Durkheim (1858-1917) – francês, considerado o fundador da sociologia, que viveu numa época de mudanças entre o feudalismo e o capitalismo, onde havia grande preocupação com a estabilidade social e esta transmissão era feita através da educação. Conceituou consciência coletiva como aquela que impõe regras de uma sociedade e exerce controle sobre os indivíduos de uma sociedade. Para ele, a disciplina é um mecanismo que possibilita o alcance da verdadeira liberdade. Ser para Durkheim, é ter o domínio de si e agir pela razão. Segundo seus ensinamentos, a educação deveria ser interiorizada pelos alunos coercitivamente, que era baseada na autoridade moral, que deriva de um dever e responsabilidade social. Nos seus conceitos, o professor é considerado o órgão de uma grande entidade moral, pois a sociedade deveria submeter o educando a sua consciência. A coerção física era utilizada nos casos em que os outros recursos não fossem suficientes para alcançar os objetivos educacionais. (REBELO, 2002, p.38-40).

Georg Wilhelm Freidrich Hegel (1770-1831) – filósofo alemão e entusiasta dos ideais iluministas, que viveu na época da unificação alemão, em um momento de grande organização política do estado. Vivenciou responsabilidades relacionadas com a administração escolar que, para ele, era a base em que se sustentava o desenvolvimento intelectual dos jovens. Segundo Hegel, é responsabilidade da família exercer a disciplina primária, que é onde deve ser implantada e a escola terá a função de produzi-la nos alunos. Para ele, o aluno disciplinado demonstra: comportamento calmo, capacidade de atenção durável, sentimento de respeito e obediência aos mestres, empenho na execução dos trabalhos impostos, atitude modesta e correta em relação a si mesmo e em relação aos outros. Pregava a educação para a independência, que habilitaria o jovem a alcançar a finalidade maior da educação que é a liberdade. (REBELO, 2002, p.40-41).

Michel Foucault (1926-1984) – filósofo francês, que estudou o processo de disciplinarização do corpo como algo que se fabrica em relação de dominação e poder. A disciplina é, para Foucault, a anatomia do detalhe, representado nas minúcias dos regulamentos, “é a ação sobre os pequenos corpos, os pequenos movimentos, as pequenas ações inserindo-se na micro física do poder”. Para ele, o século XVIII pode ser caracterizado como o século da pedagogia, pois o assunto marcava a vida social e era interesse de estudiosos, influenciados pelos ideais iluministas e esse interesse expandiu-se para as primeiras décadas do século XIX. A par do processo de escolarização das massas populares, iniciando nesse período, o sistema escolar desenvolveu processos de organização disciplinar, baseado em normas, sanções e registros em regimentos escolares. (REBELO, 2002, p.42).

Para Foucault (1998 apud REBELO, 2002, p. 42), o conceito de disciplina resume-se desta forma:

[...] Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade – utilidade. [...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças.

Complementando, este autor afirma que:

A indisciplina é uma técnica de exercício de poder, não inteiramente emendada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Média e mesmo na Antigüidade. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens.

2.2 CONCEPÇÕES DE (IN)DISCIPLINA

Segundo Ferreira (1998 apud REBELO, 2002, p.42), a disciplina significa:

- 1.Regime de ordem imposta ou livremente consentida;
- 2.Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.);
- 3.Relações de subordinação do aluno ao mestre ou instrutor;
- 4.Observância de preceitos ou normas;
- 4.Submissão a um regulamento.

O termo disciplina provém etimologicamente da mesma raiz de discípulo e discente. O seu significado conotava a relação existente entre o mestre, o ensino, a educação e o próprio discípulo. (GÓMEZ, MIR, SERRATS, 2000, p.13).

Sobre este assunto, Macedo (2005, p. 25) afirma que “disciplina é uma competência escolar que as crianças aprendem como qualquer conteúdo. Condição para realizar um trabalho com êxito, é uma matéria interdisciplinar [...]”

Para alguns, disciplina é algo que deve ser ensinado e varia de acordo com a atividade. Assim, a disciplina está implícita na realização das diversas formas de promover a aprendizagem. A disciplina depende essencialmente do aluno querer aprender e do professor querer ensinar. É uma filosofia “no sentido etiológico da palavra: um amor (filo-amizade, intimidade pelo saber (Sophia – sabedoria).” (VOLKER, 2003)

Em se tratando das normas que regem um determinado governo ou comunidade à palavra disciplina é atribuída vários significados (GÓMEZ, MIR, SERRATS, 2000, p.13):

[...] fala-se de disciplina de partido, disciplina militar, disciplina eclesiástica, etc.; fala-se também de disciplina para designar as formas de conduta e o estilo de vida correspondentes ao cumprimento de determinadas normas; finalmente, e por extensão, fala-se de disciplina escolar quando nos referimos às relações peculiares que, a respeito da educação se estabelecem entre os elementos pessoais (docentes e discentes) de uma instituição educativa.

A disciplina é parte da educação, pois assegura o trabalho dos discípulos, no sentido que mantém a ordem em sala de aula, prevenindo ou reprimindo desvios de conduta. Tem a finalidade de estabelecer a governação da aula e ensinar os discípulos a autogovernarem-se. (COMPAYRÉ apud GÓMEZ, MIR, SERRATS, 2000, p. 14).

Para Tanner (1978, apud GÓMEZ, MIR, SERRATS, 2000, p. 16) “a disciplina é o treinamento necessário para desenvolver um autocontrole suficiente, a fim de obter uma conduta ordenada.”

Para La Taille (2002 apud SILVA, 2004, p. 23) a disciplina é:

[...] como um conjunto de regras que visam à harmonia social, ao passo que a *ética* se resumiria à harmonia individual (a busca da felicidade ou de uma vida boa). (grifo do autor)

Definindo indisciplina, Silva (2004, p. 22-23) diz que a ética é trabalhada no ensino brasileiro, para que alunos refletiam e entendam o que é moral. O significado de moral é um conjunto de regras, normas e leis que determinam ou orientam os comportamentos dos indivíduos numa dada sociedade. Porém, cita o exemplo de que matar outra pessoa é proibido por lei em alguns países, mas se impõe a lei matando, ou até por outras formas, que estão nas leis feitas pelos homens. Ética, para o autor, é o nome dado à atitude de reflexão sobre as condutas que visam à convivência societária.

A moralidade, segundo Piaget (1932, p. 23), “[...] consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essa regra.” Com essa afirmação, Piaget faz a vinculação entre a regra e a moral, diferenciando a obediência do respeito às regras, demonstra a importância que este exerce no desenvolvimento da moralidade.

Tentando elucidar “como” a consciência chega a respeitar as regras, Piaget investigou no desenvolvimento infantil noções vinculadas ao desenvolvimento do juízo moral. Para ele, essa relação da criança com as regras inicia-se com “a fase da anomia, passando pela heteronomia, em direção à autonomia” (AQUINO 1996, p. 103-104), baseando-se em Kant para o uso destes termos. Nesse sentido Aquino afirma que:

O sufixo nomia, vem do grego nome, e significa regras... quando se fala de a-nomia, refere-se a um estado de ausência de regras... que não concebe as regras da sociedade e não sabe o que deve ou não ser feito. O prefixo hetero significa vários, e isso leva à compreensão da heteronomia como um estado que a criança já percebe a existência das regras, mas sua fonte (de onde emanda) é variada; ela sabe que existem coisas que devem ou não ser feitas, e quem as determina são os outros. Finalmente tem-se a auto-nomia, e significa que o sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio, como sugere o prefixo auto.

A noção de justiça e o respeito às regras têm que ser construídos pelo indivíduo por meio da experiência e de suas interações com o mundo. Piaget confirma a oposição entre os conceitos, baseando-se em perspectivas psicológicas e psicogenéticas da evolução, afirmando que essas fases se dão dentro de um

processo gradativo de desenvolvimento. Nesse sentido, Aquino (1996, p. 106) afirma que:

[...] o sujeito que age autonomamente é próprio, em sua capacidade racional de discernir entre o certo e o errado. O que diferencia do sujeito da anomia, que também age de acordo com o que considera ser certo, é que enquanto a ação do segundo tem por princípios seus interesses pessoais, desconsiderando as regras sociais, o primeiro age racionalmente levando sempre os outros e seus direitos em consideração, baseando suas ações em princípios de universalidade e de justiça.

Ao explicar o desenvolvimento do juízo moral infantil como um processo direcionado à autonomia racional como forma ideal de moralidade, Piaget também mostra que é impossível chegar até esse nível sem passar por estados de heteronomia.

Para Piaget (1932 apud Aquino, 1996, p 107), durante o desenvolvimento humano, na primeira infância, o sentimento de respeito é caracterizado pelo respeito unilateral, sendo suas ações regidas por seus próprios interesses e não em torno de um sistema de relações recíprocas e interpessoais. Gradualmente, o egocentrismo inconsciente infantil cede lugar a um processo de grandes transformações no campo cognitivo e abre espaço para que ocorra o processo da cooperação, confrontando o ponto de vista da criança com de outros sujeitos com os quais não mantém relações que ensejam o respeito unilateral.

Ao deixar de se basear somente na obediência, a criança passa a desenvolver a relação de reciprocidade, isto é, respeito mútuo e/ou ética de solidariedade. Assim, a autonomia pode ser compreendida como sendo o resultado do processo de socialização, ou seja, ao sair de seu egocentrismo para cooperar com os outros e submeter-se (ou não) conscientemente às regras sociais, o indivíduo terá desenvolvido relações que para Piaget (1932) são fontes da autonomia: “relações de cooperação, de reciprocidade e respeito mútuo”, ou seja, “as relações com base no respeito mútuo é que permitirão ao sujeito construir estados de heteronomia mais elaborados, que o possibilitarão se encaminhar em direção à construção da autonomia.” (AQUINO, 1996, p. 110).

Concluí-se, então, que para Piaget (apud AQUINO, 1996, p. 109) encontram-se as duas fontes da moral:

[...] a coação (de mãos dadas com o respeito unilateral, dando origem ao dever e à moral de heteronomia) e a cooperação (com seu ideal lógico de reciprocidade, possível com a presença do sentimento de respeito mútuo, dando origem à moral do bem e da autonomia).

2.3 AUTORIDADE X AUTORITARISMO: A DISCIPLINA E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O filósofo grego Sócrates concluiu há milênios atrás que só se podia atribuir a condição de sábio àqueles que sabiam que não sabiam e por isso sabiam (apud MAGALHÃES, 2003, p.15-17). Assim, pode-se esperar que cada professor adote uma postura e permita-se trocar idéias e aprender com as interações promovidas na escola.

Neste sentido, segundo o mestre Paulo Freire (1996, p.66):

O professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do seu aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) sugerem que a escola deve atuar para que as crianças possam desenvolver diversificadas habilidades. Nesse processo, cabe ao professor compartilhar saberes diferenciados.

A relação professor–aluno é determinada em um contexto no qual ambos interagem. Nessa relação, o professor é o mediador do processo educativo; há o meio físico e o meio social. Contudo, o espaço interior de cada um, o psíquico, o social, interferem no social. Esse processo resulta no exercício da liberdade e na possibilidade de opção. (SEE, 1993, p. 122).

Alunos e professores são sujeitos que possuem pensamentos diferentes, contudo, essa diversidade contribui para o crescimento de todos. Essa integração é um exercício diretamente ligado à prática pedagógica que tem como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde supõe um novo modelo curricular que articule a educação com vida cidadã.

O relacionamento professor e aluno depende da “consciência dos objetivos pré-estabelecidos pelo educador.” O professor vê cada aluno individualmente e o grupo pode mostrar-se como uma ameaça, “suas dinâmicas e seus conflitos têm para ele uma imagem impura”, negativa, pois, muitos professores não conseguem entender o “viver-espontâneo” do aluno. (GROSSI e BORDINI, 1993, p. 138).

Para esclarecer melhor este pensamento essas autoras apontam “valores e situações que subjazem e delineiam a conformação dos grupos” e sua relação com a definição da identidade social, e assim afirmam:

Wallon remarca que o grupo é indispensável à criança, sobretudo à compreensão de sua autonomia e à percepção de si mesma. Neste sentido, tudo no grupo tem importância: a menor atitude dos indivíduos sem o seu lugar nas configurações referenciais, então, a ordem e a desordem, o funcionamento e o desfuncionamento, como diz Maffesoli, sempre se articulam de maneira a assegurar a permanência da existência social. Isto vale para o exuberante germinativo que minimiza e dá suporte aos grupos dos alunos no espaço escolar. Sem dúvida, esta harmonia estética de toda a diversidade, de toda a polissemia emergente está sempre presente porque sempre tem alguma coisa de estético nas realidades sociais.

Alguns estudiosos como Dermeval Saviani e Lino de Macedo, entre outros, estabelecem que a questão da (in)disciplina na relação professor-aluno está correlacionada a preceitos democráticos.

A prática pedagógica contribui de modo específico para a democratização da sociedade na medida em que as relações estabelecidas em sala de aula remetem à “questão da democracia relativamente à natureza própria do trabalho pedagógico” (SAVIANI, 2000, p. 26).

Macedo (2005, p. 26) explicita a importância do diálogo entre professor-aluno, afirmando que “o convencimento se dá de forma empírica, com exemplos, discussão, não mais como faz de conta. Uma coisa é o imaginário; outra é a própria negociação de regra.”

A relação dialógica entre professor e aluno é eficaz no sentido que os envolvidos no processo educativo saibam o que um espera do outro. O diálogo mostra-se como a melhor estratégia para a democratização. Dessa forma, educadores e educandos poderão fortalecer os “vínculos de amizade, hospitalidade, cortesia, honra, lealdade e fidelidade, assim como a questão do reencantamento ou paixão pelo mundo.” (COSTA, 1997, apud CARRARA, 2003, p. 15).

O conceito de disciplina democrática enfatizado na relação professor-aluno pode ser resumido do seguinte modo, de acordo com Gómez, Mir e Serrats (2000, p. 26):

Disciplina democrática é o conjunto de estratégias que favorecem a segurança e a autogovernança, permitindo a superação de antinomias até chegar ao equilíbrio entre autoritarismo e permissivismo, de tal forma que a aceitação da autoridade seja um valor e a disciplina um meio para conseguir a socialização e a maturidade pessoal do educando, potenciando a superação do indivíduo no âmbito das instituições pré-estabelecidas.

O professor é uma autoridade da situação pedagógica para o “disciplinamento” que, segundo Furlani (1990, p 44):

Se o professor ensina e facilita a ocorrência de desempenhos adequados dos alunos, estamos admitindo que existe, no trabalho escolar, um grau de restrição a comportamento julgados indesejáveis, consideramos também que o trabalho escolar não pode se desenvolver à revelia da observância de normas de conduta, de certas ordens pois objetiva a aprendizagem, não sendo, portanto um processo espontâneo ou apenas lúdico.

Para esse autor, a disciplina escolar está diretamente ligada ao professor; o professor irá impor sua autoridade de forma que atenda seus anseios em relação ao comportamento do aluno. As concepções dependem muito do que o professor tem para si como disciplina, como age no dia-a-dia e em determinadas situações. Dessa forma, se o professor espera um aluno submisso, irá impor sua autoridade e privilegiar “valores do disciplinamento, a aceitação, obediência, o respeito, e a dependência do aluno, assumindo a concepção de *controlador* da expressão dos alunos” (grifo do autor). (FURLANI, 1990, p. 45).

O professor controlador, ainda para esse autor, na grande maioria não admite ser um autoritário; o que falam não é o que fazem realmente na convivência escolar com seus alunos. Tem uma dificuldade em aceitar mudanças, pois pode lhe aumentar o serviço para com o aluno, que já é muito.

[...] o professor evita qualquer mudança, decorrente da possível contribuição que o aluno poderá trazer para o desenvolvimento do conteúdo (porque esta contribuição pode ser vista como uma sobre carga a um professor já sobrecarregado), ele pode voltar seus esforços apenas para que o aluno faz de errado, visando controla-lo, o que acaba comprometendo a aprendizagem.

Segundo o referido autor (1990, p.47), há também o professor facilitador que tenta associar a disciplina do aluno ao seu próprio comportamento; o disciplinamento irá fluir deste relacionamento. Para este tipo de professor, “a disciplina não diz respeito apenas ao aluno, que é ou não indisciplinado, mas está associada com autodomínio de professores e alunos em sala de aula”.

A indisciplina, na maioria das vezes, é só do aluno; a escola e o professor também podem contribuir e até serem indisciplinados, “quando há o controle ou a ausência de disciplinamento, podemos estar nos deparando com a existência de falhas na competência do professor e do aluno para exercer o poder conjuntamente.” (FURLANI, 1990, p. 51).

Nesse aspecto, esse autor afirma:

Pensando na organização da escola atual, notamos outros elementos que concorrem para a indisciplina: a situação dos professores que correm de uma escola pra outra, sem tempo para si mesmos, para a integração pedagógica e muito menos para a preparação dos fatores materiais, físicos e pedagógicos envolvidos numa aula. Além disso, os curtos período de aula, as cronologias rígidas, o gregarismo muitas vezes focado, atuam contra a concentração prolongada dos alunos, e os períodos necessários de reflexão de que necessitariam.

O professor é uma parte muito importante no processo de disciplinamento; seu comportamento e seu exemplo é a base de que o aluno necessita para se sentir incentivado a ter uma boa disciplina. A escola é também um lugar onde se exige uma grande disciplina, sua estrutura de gestão deve estar bem organizada. O aluno que tem motivos para ser disciplinado terá disciplina. O comportamento do aluno estará diretamente ligado ao da escola e ao do professor.

Educadores indisciplinados, numa escola indisciplinada, não podem oferecer ao aluno a convicção de que vale a pena o esforço persistente, a concentração, o autodomínio, a autocrítica, o sacrifício de tempo, de lazer, necessários ao “*ser disciplinado*”. Ele só pode entusiasmar-se pelos objetivos e exigências da escola se tiver reconhecido seu esforço no sentido de fazer o melhor, se tiver oportunidade repetição do aprendizado, se sentir identificado com a escola e com os resultados que o estudo terá para sua vida. (grifo do autor)

O professor Aquino (1996, p. 111), da Faculdade de Educação da USP, propõe duas análises distintas sobre o tema, “uma sócio-histórica, tendo como ponto de apoio os condicionantes culturais, e outra psicológica, rastreando as influências familiares na escola.”

Para esse autor, admitindo a educação como processo evolutivo, que acompanha as transformações históricas, vê-se que, apesar das várias tentativas de se controlar o comportamento dos educandos, a escola prioriza a educação utilizada e militarizada.

Ainda, segundo o referido autor, a escola de outrora caracterizava-se pelo aluno subordinado ao professor que se apresentava como superior hierárquico impondo regras de medo, coação e subserviência. Resumia as relações escolares em obediência e subordinação.

Com a crescente democratização da política, uma nova geração se criou, exigindo uma radical mudança no processo pedagógico. A escola passou a ter seu acesso facilitado, devido ao art. 205 da Carta Constitucional de 1988 (1999, p.38) que reza:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao

pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

2.4 (IN)DISCIPLINA: UMA QUESTÃO PREOCUPANTE NA ESCOLA

Para Silva (2004, p.15), o diagnóstico dos conflitos está no declínio do mundo nos tempos atuais, a violência, o medo, o egoísmo e outros fatores de convivência, tanto coletiva, como familiar e até mesmo individual, transformaram a relação das pessoas, num geral, em desconfiança e desavenças:

Procuram, diante disso, construir estratégias que garantam a própria vida, como a de se armar e transformar suas residências e automóveis em autênticas fortalezas; realizar habitualmente pequenos atos ilícitos que signifiquem algum tipo de vantagem ou de uma desvantagem menor, já que a corrupção é considerada endêmica e sem solução.

A sociedade em geral está perdida no que fazer para mudar a situação que estamos vivendo. São muitos os preocupados com o rumo e com as providências que se fazem necessárias para convivências de todos. (SILVA, 2004).

A preocupação maior está voltada para as escolas; a indisciplina e a violência estão tomando conta das escolas; as agressões verbais e físicas são constantes entre os alunos e até contra professores. As agressões estão cada dia mais violentas, chegando ao uso de armas brancas ou até de fogo, onde se finaliza com ferimentos graves e até mortes, principalmente de adolescente. (SILVA, 2004.)

Para o referido autor,

A revista semanal de notícias gerais Isto É do dia 5 de março do mesmo ano destacou na sua capa matéria sobre a violência nas escolas, com o título que parece resumir minhas inquietações em relação ao tema: Perigo escola: sem esperanças, envolvidos com drogas e brigas de gangues, estudantes vivem uma explosão de violência.

O que nos preocupa bastante hoje em dia é a proporção e a extremidade da indisciplina na escola que está se transformando em violência, a cada dia mais freqüente e perigosa dentro das escolas, conforme citação a seguir:

Dentre as formas de *indisciplina*, a mais preocupante é a violência escolar. Ela tem se tornado cada vez mais comum, principalmente em estabelecimentos brasileiros e norte-americanos, e remete a uma situação tanto de destrutividade dos outros, dos seus pertences dos bens públicos quanto de autodestrutividade, na escolas, ela aparece quase sempre sob a forma de ameaça e assassinato de colegas e professores, depredação dos

bens materiais destes últimos e da instituição e do tráfico e uso de drogas ilegais. (grifo do autor). (SILVA, 2004, p. 21).

A violência, ainda segundo este autor, está inserida na vida de todos os alunos; como a grande maioria não sabe lidar com vários fatos que lhe aborrecem, acaba extravasando de forma violenta os seus medos e remorsos. Nesse sentido, Silva (2004, p. 21) afirma:

O termo *indisciplina* quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário as regras, as normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitarem alguma norma desta instituição serão vistos como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaborados democraticamente. (grifo do autor)

2.5 CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA INDISCIPLINA

Ao analisar antropológica e sociologicamente as causas e conseqüências da indisciplina, Donatelli (2004, p. 44) aborda que a entrada da mulher no mercado de trabalho trouxe novas conseqüências para a família, sociedade, escola e, sobretudo, para a mulher.

A urbanização da vida e do trabalho deu à mulher, no universo burguês, um outro papel, até então desconhecido por ela na história e na determinação antropológica criada por nossa sociedade.

Tiba (1996, p.47), também questiona este fato quando aborda este tema:

Nas últimas décadas, a mulher emancipou-se e ganhou destaque socioeconômico, profissional e cultural, mas, na grande maioria, o instinto materno, a inclinação para ocupar-se da perpetuação da espécie, ainda fala mais alto que todas as suas conquistas.

Como conseqüência deste fato, a família incorporou outros novos valores, deixando de ser um ambiente privado, passando a ser público; com isto sofreu conseqüências até então desconhecidas. Donatelli (2004, p. 50) esclarece este fato quando fala desses novos valores.

O quanto esses novos valores influenciaram a vida privada, a concepção de uma prole e a sua educação ainda é parte do desafio que vivemos hoje. Não se introjetam novos valores em uma sociedade sem que ela se debata, colocando em evidência suas contradições.

Essas contradições e conseqüências perpassam então o campo familiar, e chegam à escola onde causam bastante prejuízo, posicionando pais e escola muitas vezes reféns dessa realidade e incapazes de oferecer um resultado positivo que

agrade a todos. Donatelli (2004, p.121) expõe este fato quando fala do papel de cada um, “queria reforçar que existe um vazio formador em nossa escola associado à incapacidade da família.” (DONATELLI, p. 121). E explica:

A escola com uma política educacional voltada para a acumulação de saberes [...] quando conjugada à incapacidade da família de também oferecer meios formativos, [...] acaba por transformar a autonomia conquistada pelos filhos/alunos em transgressão.

A indisciplina não é um caso que se possa trabalhar individualmente; é preciso querer saber o que são atos indisciplinados para se chegar a resultados positivos, entendê-los para se tentar intervir na questão. Sobre este aspecto, pode-se ler:

As causas da indisciplina precisam ser pensadas no todo e não somente na observação particularizada do aluno indisciplinado; até porque na fragilidade compreensiva se analisa o ato disciplinar sob uma óptica psicológica que muitas vezes se ignora ou sobre a qual pouco se sabe. A análise comportamental, pura e simplesmente, leva as conclusões limítrofes e equivocadas. (DONATELLI, 2004, p. 192)

O efeito de uma análises e conclusões precipitadas muitas vezes causam conseqüências sérias e irreversíveis para a escola e famílias. Donatelli (2004, p.192) esclarece essa questão quando diz:

Todas as vezes que a escola executa ações drásticas ela somente sofre os efeitos, e os alunos, tomados individualmente, são efeitos e não causa; a escola torna-se ainda mais susceptível de ter o seu dia-a-dia mais tumultuado por outros atos de indisciplina.

Para Tiba (1996, p. 178) a escola é, sem dúvida a mais prejudicada:

O contexto escolar é menos permissivo e proporciona menos envolvimento e desgaste afetivo do que o meio familiar. Suas normas e as conseqüências do desrespeito a ela são mais claras e definidas (até mesmo escritas).

Silva (2004, p.25) diz que, as razões de se ter a indisciplina, está envolvida com a perda de valores morais, com o saber psicológico, com a sociedade, a política, a economia, os meios de comunicação e com as violências real e virtual.

Os valores morais mudam com o tempo, não têm muita importância nos últimos tempos. Movimentos influenciam a modificação ou perda de certos valores.

Rouanet (1987, apud SILVA, 2004, p. 29) diz, sobre esse assunto, que:

[...] esse processo se deve, em grande parte, a uma leitura extremamente equivocada do movimento cultural originário desta época, e que ficou conhecido como *movimento de contracultura norte-americana*. Em linhas gerais, o referido movimento pretendia reinventar a vida a partir do festival de *Woodstock* e da experiência das comunas. Assim, os rebeldes daquele

momento propunham a substituição de todos os valores morais ligados à tradição e/ou que pudessem significar algum tipo de repressão por significar algum tipo de repressão por apenas dois: paz & amor. (grifo do autor)

O movimento foi entendido e interpretado erradamente; não era para trocar de valores, mas sim reestruturar os já existentes e reforçá-los. Porém, a situação ficou descontrolada e virou um movimento rebelde e desordenado, e que se tornou uma forma de indisciplina. Nesse sentido, Silva (2004, p. 30) diz que:

[...] tal proposta de vida foi interpretada de maneira errônea. Muitas pessoas entenderam erradamente que não se tratava da substituição, mas da pura exclusão e/ou da negação de todos os valores morais, já que, por significarem limites, traziam como marca o aprisionamento da vida e, em decorrência, a produção de “doenças psicológicas”. (grifo do autor)

Os defensores desse movimento foram muito radicais, diziam que limites era uma forma de repressão, e que geravam “danos aos nervos” e, como conseqüências, a falta de limites e de regras, fizeram de liberdade dos filhos um ideal, pois os não educavam e não se impunham. As crianças adquiriram seus conceitos e valores aleatoriamente e tudo o que lhe era mostrado, sem saber o que querer:

[...] muitos pais – sobretudo os da classe média – acabaram não educando os seus filhos, já que qualquer forma de limite poderia levar à produção de neuroses. Conseqüência: sem limites, tais crianças e jovens não tinham o que desejar (pois o desejo nasce justamente do interdito, ou seja, da proibição), não tinham condições de lidar com o outro e respeitá-lo porque não construíram os valores que poderiam possibilitar-lhes tal convívio, se mostravam indisciplinados e violentos porque – não sabedores das regras – agiam à maneira dos selvagens, fazendo uso apenas dos dispositivos dados naturalmente, já que o diálogo, a forma de os homens civilizados resolvem seus conflitos, não fazia parte, de sua existência e, muito menos, de sua “essência”. (SILVA, 2004, p. 32)

Os valores morais se perderam com o passar dos tempos, os castigos mudaram, pois não acontecem mais. O processo educacional teve mudanças necessárias, porém não conseguiram se adequar à falta de limites que os pais não impõe em casa. A falta de quem obedecer/orientar transformou as crianças e os adolescentes em indivíduos indisciplinados e violentos, onde se revelam muito rebeldes para com a sociedade, que ainda segue algo valor moral. A indisciplina está ligada a vários fatores que determinam o seu aumento como agressividade, onde a escola sozinha não é capaz de solucionar tais problemas, pois a escola pode e deve contribuir no processo de amenização através da política educacional,

porém, “a escola por si só não conseguirá resolver tais problemas”. (SILVA, 2004, p. 85).

3 METODOLOGIA

3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Para a realização deste trabalho foi adotada a Pesquisa Bibliográfica com a Abordagem Qualitativa.

A Pesquisa Bibliográfica é a que se efetua tentando resolver um problema ou adquirindo novos conhecimentos a partir de informações publicadas em livros e documentos similares (catálogos, folhetos, artigos etc.). Seu objetivo “é de desvendar, recolher e analisar as principais contribuições teóricas sobre um determinado fato, assunto ou idéia, utilizando-se de dados obtidos por outros autores. Ela constitui, também, a primeira etapa das demais pesquisas.” (MARTINS e CAMPOS, 2003, p. 16).

Uma pesquisa bibliográfica pode visar um levantamento dos trabalhos realizados anteriormente sobre o mesmo tema estudado no momento; pode identificar e selecionar métodos e técnicas a serem utilizados, além de fornecer subsídios para a redação da introdução e revisão de literatura do projeto ou trabalho. Em suma, uma pesquisa bibliográfica leva ao aprendizado sobre uma determinada área. (CRUZ e RIBEIRO, 2004, p. 19.).

A pesquisa Qualitativa, como descrita por Bogdan e Biklen (1994, p.47.), é aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, colhidos no contato direto dos investigados com a situação estudada. O pesquisador qualitativo preocupa-se mais com o processo do que com o produto, procurando retratar a perspectiva dos participantes. Isto significa que se estuda a realidade, em seu contexto natural, tal como sucede, e procura dar sentido ou interpretar os fenômenos de acordo com os significados que possuem para as pessoas implicadas nesse contexto. (apud MARTINS E CAMPOS, 2003, p. 18.).

O objetivo dos investigadores qualitativos, ainda segundo os autores, é o de melhor compreender o comportamento e experiência humana. Tenta-se compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem esses significados.

3.2 INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

O instrumento para a coleta de dados foi o roteiro de análise documental.

As pesquisas de documentos têm que ser feitas exatamente da mesma forma que as pesquisas bibliográficas, devendo verificar se o projeto que se propõe a realizar é ou não viável e informar-se melhor sobre o contexto e natureza do tema a investigar. A pesquisa documental poderá ter de abranger tanto fontes nacionais como locais. (BELL, 1993, p. 52).

A quantidade de material documental que pode estudar depende inevitavelmente do tempo de que dispõe para esta etapa da sua investigação. Normalmente, não é possível analisar tudo, sendo por isso necessário decidir o que quer selecionar. A maioria dos trabalhos realizados em ciências da educação exige a análise documental. Em alguns casos servirá para outros métodos; em outros, constituirá o método de pesquisa central ou mesmo exclusivo. (BELL, 1993, p. 53).

3.3 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.

3.3.1. Especificação das categorias escolhidas

As categorias escolhidas para a análise e discussão dos dados foram;

- Relação professor-aluno;
- Papel do professor e metodologias;
- Papel do estado, da sociedade e da família;
- Papel da escola;
- Formação do professor

3.3.2 Organização, análise e discussão dos dados.

Inicialmente, fez-se uma coleta geral dentro dos autores sobre as contribuições propostas para a diminuição dos problemas da indisciplina (Vide Apêndice).

Após isto, organizaram-se os dados coletados em categorias que foram analisados e discutidos, conforme apresentação a seguir:

- Relação Professor-aluno

Autor/ano	Relação professor-aluno Sugestões para amenizar o problema da indisciplina
LOPES, Áurea. 2005.	<p>“A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os estudantes, que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina.” p. 45</p> <p>“Recorra aos contratos; Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar a atenção quando ocorre uma transgressão; Não considere a indisciplina um ataque pessoal. Não aceite provocações para não reforçar comportamentos indesejados.” p. 49</p>
MACEDO, Lino de. 2005.	<p>“Na Educação Infantil, a brincadeira, a fantasia, as histórias são ótimas estratégias. O recurso lúdico soa sincero para a criança, porque é uma espécie de dramatização do assunto, uma elaboração simbólica da questão. Nesta idade, outro recurso possível é simplesmente, com habilidade, dar uma ordem e pedir que ela seja cumprida. Nesse caso, é preciso deixar claro para a criança que há uma diferença entre ela e o adulto. Dos 7 aos 11 anos é interessante para trabalhar disciplina como uma boa regra ou uma regra sem qual certas coisas não se desenvolvem bem. O convencimento se dá de forma empírica, com exemplos, discussão, não mais como faz-de-conta. Uma coisa é o imaginário, outra é a própria negociação da regra.” p. 26</p>
AQUINO, Júlio Groppa. 1996.	<p>“Em primeiro lugar, o <i>investimento nos vínculos concretos</i> abdicando, na medida do possível, dos modelos idealizados de aluno, de professor e da própria relação, e potencializando possibilidades e chances efetivas de cada qual [...] em segundo, a <i>fidelidade ao contrato pedagógico</i>.” (grifo do autor). p. 54</p>
SILVA,	<p>“Democratização das relações escolares.” p. 164</p>

Nelson Pedro. 2004.	“Abolir qualquer forma de humilhação.” p. 194
------------------------	---

Os autores pesquisados sugerem algumas alternativas para minimizar a indisciplina nas escolas, tais como: a negociação de regras, onde a classe pré-estabeleça a punição em caso de transgressão; os contratos entre professor e aluno; e o próprio exemplo do professor. Estas maneiras sugeridas como possíveis para amenizar a indisciplina devem pautar-se em preceitos democráticos.

Um meio para que se consiga uma disciplina democrática, segundo Gomes, Mir e Serrats (2000, p.26) é “[...] chegar ao equilíbrio entre autoritarismo e permissivismo, de tal forma que a aceitação da autoridade seja um valor e a disciplina um meio para se conseguir a socialização e a maturidade pessoal do educando [...].”

Nesse sentido, é importante que o professor disponha de atitudes que favoreçam este relacionamento para que a disciplina em sua sala seja uma conquista de todos os envolvidos.

- Papel do professor e metodologias

Autor/ano	Papel do professor e metodologias Sugestões para amenizar o problema da indisciplina
MACEDO, Lino de. 2005.	“O professor tem que tratar todos os alunos de um modo justo. O educador deve dar exemplo, cumprindo o que promete.” p. 46
LIMA, Teresa. 2006.	“Independentemente das características da turma, nas primeiras aulas os agentes educativos devem assumir uma postura autocrática. O estilo autocrático estabelece regras de convivência, impõe objetivos, bem com métodos, porém não confunde-se com o ditatorial. O autocrático caracteriza-se pela firmeza e clareza. Em fases mais avançadas, os professores podem adotar o estilo democrático, mais aconselhável para trabalhos de grupo em que se pretende estabelecer a criatividade.” sp
	“É preciso que o líder fale a mesma linguagem dos alunos, porque só é aceito formalmente se o for informalmente; O professor, em

	<p>cada ato educativo, tem que ter criatividade para descobrir a forma mais interessante de expor os conteúdos, para poder motivar o aluno.” sp</p>
<p>LOPES, Áurea. 2005.</p>	<p>“Não grite se o barulho se sobrepõe a sua voz, espere em silêncio [...]. Recorra aos contratos. Se as regras coletivas são claras e todos estiverem de acordo, fica mais fácil chamar a atenção quando ocorre uma transgressão [...]. Seja coerente com o que pede aos alunos. [...]. Não considere a indisciplina um ataque pessoal. Não aceite provocações [...]. Seja enérgico quando necessário sem perder o afeto. [...]. Não desanime. A assimilação da indisciplina é um processo gradativo e exige investimento.” p. 49</p>
<p>CARRARA, João Alfredo. 2005.</p>	<p>“Torna-se necessário ter maior conhecimento acerca do desenvolvimento do ser humano. [...]. Maior preparação dos professores. [...]. Educar democrática, inclusiva e responsabilmente [...]. Reconquista do espaço e respeito da autoridade do professor fora e dentro da escola. [...]. Qualificar o professor [...]. O professor precisa ser mais “aberto” às novas posturas; partilhar responsabilidades pelas decisões tomadas e respeitar os sujeitos. [...]. Fazer valer os combinados. [...]. Rever atitudes, atualizá-las. [...]. Agir com maturidade pedagógica, enfim ser ético.” p. 18</p>
<p>TIBA, Içami. 1996.</p>	<p>“Por isso é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes perante as indisciplinas mais comuns [...]”p. 117</p> <p>“O professor deve ter muita criatividade para tornar sua aula apetitosa. Os temperos fundamentais são: alegria, bom humor, respeito humano e disciplina.”</p> <p>“Se de fato o professor integrou a formação à sua vida – e não apenas a decorou – ele é capaz de fazer a correlação entre matéria e os fatos cotidianos.” P. 124</p> <p>“Os requisitos para um professor ser adorado é combinar senso de humor e movimentação cênica (fazer não só com a boca, mas</p>

	<p>com o corpo inteiro); é saber estabelecer o limite entre o adequado e o inadequado; é saber ouvir e exigir quando necessário.” p. 125</p> <p>“O professor precisa provocar, captar a atenção dos alunos para o que ele está falando.” p. 128</p> <p>“Pedir para o aluno trazer recortes, ter bom humor, estabelecer limites, fazer provas que avaliem o conhecimento etc. são alguns ingredientes que o professor pode utilizar para ser bem sucedido em sala de aula.” p. 129</p>
<p>LAJONQUIÈRE, Leandro de. (apud AQUINO). 1996.</p>	<p>[...] Em primeiro lugar, há que aprender a desistir um pouco da exigência louca de querer reencontrar no aluno real a criança ideal; e, em segundo, deve-se contestar o processo de psicologização metodológica.</p> <p>Assim, livres moralmente dos imperativos pedagógicos, nos dedicaremos a reinventar o cotidiano escolar. Ofertando aos alunos cultura e não migalhas pedagógicas em bondade psicoafetivas, estaremos acertando eticamente nossas contas com o passado que nos assujeita. Por acréscimo, como aliás a história nos mostra e a própria psicanálise afirma a priori, as crianças sempre algo aprenderão para além de toda “sua” (in)disciplina.” p. 36</p>
<p>AQUINO, Júlio Groppa. 1996.</p>	<p>É imprescindível que este seja razoavelmente claro para ambas as partes, e que se restrinja ao campo do conhecimento acumulado, mesmo que as cláusulas contratuais tenham que ser lembradas todos os dias [...]. E, por fim, a <i>permeabilidade para a mudança e para a invenção</i>. É certo que o professor também tem que reaprender seu ofício e reinventar seu campo de conhecimento a cada encontro.” (grifo do autor). p. 54</p>
<p>CARVALHO, Sérgio F. de. (apud AQUINO). 1996.</p>	<p>“Ter um método para transmitir disciplina não é ter um discurso sobre a disciplina, mas é criar uma maneira de trabalhar. Tal maneira será tanto mais eficaz quanto mais o professor tiver clareza de objetivos e procedimentos dos conteúdos ou áreas de conhecimento com os quais deseja trabalhar. Nesse sentido, o</p>

	problema da disciplina escolar desloca-se do âmbito e da perspectiva moral e comportamental para situar-se no âmbito de apropriação de <i>práticas e linguagens públicas</i> , em cuja difusão reside a principal atividade das instituições escolares.” (grifo do autor) p. 138
SILVA, Nelson Pedro. 2004.	“Substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade.” p. 155 “Deixar de ver o aluno indisciplinado e violento como problema.” p. 169 “Articular os conteúdos tradicionais à vida.” p. 184

De acordo com os autores pesquisados, o professor deve nortear o seu trabalho por meios de métodos adequados à realidade de sala, usar a criatividade para dinamizar as suas aulas e fazer uso do diálogo que favoreça a confiança e liberdade na relação professor-aluno. O professor exerce um papel relevante no contexto escolar, pois é dele a responsabilidade pelo clima psicológico que se estabelece em sua classe. O professor precisa tomar atitudes que tornem seu trabalho mais dinâmico e eficaz.

Sobre este aspecto, Lima (2006, sp) afirma que “o professor, em cada ato educativo, tem que ter criatividade para descobrir a forma mais interessante de expor os conteúdos, para poder motivar o seu aluno”.

Complementando este autor, Carvalho (apud AQUINO, 1996) admite que o professor deve criar uma maneira de trabalhar com clareza os “objetivos e procedimentos dos conteúdos de áreas de conhecimento com os quais deseja trabalhar”, adequando os objetivos, modernizando a forma de atender e dialogar com as crianças; com uma metodologia voltada para princípios de valores e adequada à realidade dos alunos, com criatividade e liderança, o trabalho pedagógico irá se desenvolver de forma mais clara e satisfatória.

- Papel do estado, da sociedade e da família

Autor/ano	Papel do estado, da sociedade e da família Sugestões para amenizar o problema da indisciplina
VOLKER, Paulo. 2003.	“Aproveitar a vivencia da disciplina e indisciplina para dinamizar o processo em níveis melhores de qualidade. [...]. Diferenciação entre o ato de disciplina (compreensão dessa teoria); saber trabalhar com as instabilidades. [...]. Diminuir a guerra civil que culmina com barbárie social.” p. 13
TIBA, Içami. 1996.	“Se os pais não tiverem método, os filhos deixarão de cumprir com suas obrigações.” p. 107
GUIMARÃES, Áurea M. (apud AQUINO). 1996.	“É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje freqüentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos. [...] Empreendimentos que flexibilizem o tempo e o espaço do território escolar, que não excluam a possibilidade de desistências e nem o debate sobre estas questões [...]”p. 80
ARAÚJO, Ulisses Ferreira de, (apud AQUINO).1996.	“[...] somente uma transformação no tipo das relações estabelecidas dentro das escolas, famílias e da sociedade poderá fazer com o problema da indisciplina seja encarado sob uma perspectiva diferente. Nesse sentido, deve-se objetivar que os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito tenham como pressuposto os ideais democráticos de justiça e igualdade, bem como a construção de relações que auxiliem esse sujeito a ‘obrigar sua consciência’ a agir com base no respeito a esses princípios, e não por obediência.” p. 114
SILVA, Nelson Pedro. 2004.	“Conceber e concretizar a educação como fator de desenvolvimento.” p. 181 “Ter a dignidade do ser humano como parâmetro educativo.” p. 183

FREIRE, Paulo. (apud REBELO). 2002.	“O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.” p. 80
--	---

É possível notar entre os autores citados que há semelhanças de opiniões quanto ao papel da escola, da sociedade e da família. Todos são claros ao afirmar que a responsabilidade da educação é de todos.

Somente a transformação das relações entre os mesmos, poderá fazer com que a indisciplina seja encarada sob uma perspectiva diferente. Araújo (apud AQUINO, 1996) sugere que:

Deve-se objetivar que os princípios subjacentes às regras a serem cumpridas pelo sujeito, tenham como pressupostos os ideais democráticos de justiça e de igualdade, bem “como a construção de relações que auxilia esse sujeito a obrigar sua consciência a agir com base no respeito a esses princípios e não por obediência.

Em vista disso, faz-se necessário, que todos os envolvidos reflitam sobre a sua atuação no processo educacional e que assumam, cada qual, a responsabilidade que lhe é exigida.

- Papel da escola

Autor/ano	Papel da escola Sugestões para amenizar o problema da indisciplina
LIMA, Teresa. sd.	“Os elementos mais indisciplinados têm que ser diluídos por várias turmas, em vez de agrupados numa só turma [...]” sp.
TIBA, Içami. 1996.	“Ter autoridade não significa ser autoritário. Autoridade e carinho são apenas dois critérios diferentes: um refere se ao afeto no relacionamento e o outro à posição de poder. A autoridade e o carinho devem estar sempre presentes no processo educativo.” p. 197
DONATELLI, Dante. 2004.	“Ao remeter a idéia de (in)disciplina à palavra limite, a escola na verdade está se desdobrando para dar ao aluno uma oportunidade de se sentirem capazes de transpor limites sem que estranhem.” p.

	181 “A escola também tem funções sociais e políticas que nos últimos tempos parecem ter sido esquecidas; ela deveria compor regras, normas, impor parâmetros e referências morais aos indivíduos. Essa é sua vocação, seu dever; é parte da função que a sociedade exige dela.” p. 193
TAILLE, Yves de La. (apud AQUINO). 1996.	“[...] somente resta à escola uma solução: lembrar e fazer lembrar em alto e bom tom, a seus alunos e à sociedade como um todo, que sua finalidade principal é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. Não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública.” p. 23
SILVA, Nelson Pedro. 2004.	“Oferecimento de condições para a conscientização de todos os envolvidos.” p. 161 “Substituir o uso de punições expiatórias pelas sanções por reciprocidade.” p. 190 “Priorizar os valores morais e éticos.” p. 196

Há um consenso entre os estudiosos que a escola é um lugar onde se encontra uma diversidade de comportamentos, o que acaba por propiciar atitudes indisciplinadas em alguns alunos.

Donatelli (2004, p.193) remete à escola a responsabilidade de também participar ativamente da execução e utilização de normas e valores da sociedade, quando afirma:

A escola também tem funções sociais e políticas que nos últimos tempos parecem que ter sido esquecidas; ela deveria compor regras, normas, impor parâmetros e referências morais aos indivíduos. Essa é a suas vocação, seu dever, é parte da função que a sociedade exige dela.

É certo que a finalidade principal da escola é a de preparar o aluno para o exercício pleno da cidadania e, para que o aluno possa vivenciar atitudes voltadas para este fim, é necessário que sejam desenvolvidos conhecimentos sólidos, que seja estabelecido o diálogo, e um conjunto de normas e valores que fortaleçam a

personalidade do aluno, mas não só pela escola, como por todos que de certa forma são responsáveis pela formação deste aluno.

- Formação do professor

Autor/ano	Formação do professor Sugestões para amenizar o problema da indisciplina
SILVA, Nelson Pedro. 2004.	<p>“Orientação pedagógica, psicopedagógica e psicológica” p. 174</p> <p>“É necessário que os professores e os demais membros responsáveis pela administração e pela manutenção da instituição escolar recebam orientação psicopedagógica, ‘formação’ pedagógica e assistência psicológica. Tais medidas visam, dentre vários aspectos, a oferecer as condições para que os educadores (caso queiram) aprendam ou relembrem conteúdos pedagógicos, filosóficos, metodológicos e relacionados ao desenvolvimento humano, necessários ao exercício da profissão.” p. 174</p>
RESZKA, Maria de Fátima. 2000.	<p>“Sente-se, também, que a formação nos bancos escolares universitários, deixa a desejar, pois as expectativas e as necessidades deste ensinante (que neste lugar é aprendente), não são atendidas, entendidas. Depara-se com professores que quando chegam à prática, a teoria que receberam não dá conta do fazer pedagógico.” p.80</p>
REBELO, Rosana Aparecida Argento. 2002.	<p>“Se anteriormente apresentamos a insuficiência da formação do professor, a prática inadequada, a resistência docente ao novo e currículo alienante como causas da indisciplina escolar e, se muitas dessas causas se relacionam com os aspectos que citamos acima, podemos concluir que as políticas são responsáveis também pela indisciplina escolar.” p. 80</p> <p>“A formação continuada para professores também não é consistente, pois não se percebe uma coerência entre competência prática e teórica. É notória a falta de um conhecimento mais profundo sobre o que se discutir, ficando os assuntos sem seus reflexos positivos em</p>

	sala de aula. Os cursos, quando existem, são distantes um do outro e sem grandes novidades, justamente porque o discurso é de uma teoria implantada por uma administração progressista e a prática é vinculada a uma visão de mundo que valoriza ingenuamente a escola como um espaço apenas de formação para o trabalho.” p. 81
--	--

As considerações dos autores se complementam, quando afirmam que professores mais preparados, em condições físicas e mentais preservadas, preocupados com inovações pedagógicas, estariam mais aptos para exercerem suas funções com segurança e satisfação.

É importante lembrar que os autores abordados atentam para o fato que a escola atual não é a escola ideal. Para que isto ocorra, torna-se necessária uma transformação no processo educacional, passando por todos os envolvidos, o governo, escola, família, alunos e os professores, que conseguirão melhores resultados se houver continuação em sua formação, e se houver, como afirma Silva (2004, p.174), assistência a todos os membros da escola, ou seja, “os professores e demais membros responsáveis pela administração e pela manutenção da instituição escolar recebam orientação psicopedagógica, formação e assistência psicológica”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho evidenciamos alguns conceitos e aspectos sobre indisciplina, com autores da atualidade e do passado. Esses conceitos se entrelaçam, em alguns momentos se completam e em outros chegam a discordarem uns dos outros. Para nós, os conceitos estabelecidos, apesar de discordarem em alguns pontos, trazem o equilíbrio para uma busca de solução ao problema.

Na escola, quando a indisciplina interfere no andamento das ações, torna-se um problema de todos. Não é possível realizar atividades diárias, quando há alunos que fazem bagunça em sala, desobedecem aos funcionários, desrespeitam os professores, fazem desordem, manipulam os colegas, ou seja, estão descontentes ou não concordam com os objetivos propostos.

Observamos, nos autores pesquisados, muitos meios para amenizar essa situação nas escolas, como: o estabelecimento de regras de conduta pelos professores e alunos; a negociação de objetivos e normas; o tratamento dos alunos com justiça e igualdade; que o professor use de criatividade para dinamizar suas aulas; a substituição das punições por uma postura mais flexível; que o professor tenha clareza entre a teoria adotada e as práticas aplicadas; mas, sobretudo, que o professor faça uso do diálogo com seus alunos, pois só assim terá condições de conhecer e avaliar o aluno em sua individualidade, tomando uma posição coerente.

As soluções possíveis de serem realizadas nas escolas muitas vezes perpassam a sala de aula e entram num nível mais afetivo, de total envolvimento por parte do professor, da família, da escola e do aluno. Analisamos as sugestões e concordamos que, para que haja um efetivo resultado, é cabível a todos os envolvidos:

- Não rotular o aluno como indisciplinado ou “bagunceiro”;
- Que as alternativas de solução sejam analisadas por todos os envolvidos;
- Que sejam analisadas as causas e conseqüências da indisciplina;
- Que haja um comprometimento de todos os envolvidos;
- Que o professor analise o aluno indisciplinado como um todo.

Uma das maiores dificuldades encontradas hoje para a solução do problema indisciplinar é que muitas escolas adotam uma postura tradicional, querem um

aluno passivo, em total silêncio e concordância com tudo. O aluno que apresenta atitudes indisciplinadas é posto de lado, finge-se esquecê-lo ou é expulso da escola. A escola quer um aluno ideal, aquele que questiona sem ser grosseiro, que critica sem ofensas, que tira boas notas, com família organizada e atuante e não um aluno real, que apresenta problemas, muitas vezes baixa auto-estima, com família desordenada, sem regras e sem comportamento exemplar.

É de fundamental importância nesse caso a ajuda de todos os envolvidos no processo, como a família que muitas vezes não aceita a indisciplina de seu filho; a escola, que não entende ou não quer saber dos problemas enfrentados pelo aluno; do professor que está diretamente envolvido no caso; e principalmente do aluno, que não se vê como aluno problema, gosta de chamar a atenção de todos ou não sabe como agir para que haja uma mudança em seu comportamento.

A escolha da atitude a ser utilizada tem que ter a anuência, o comprometimento e a participação de todos, para que os diagnósticos indiquem um resultado favorável ou uma possível redefinição do trabalho, podendo-se direcionar de uma outra forma, tomando-se outras medidas ou outros rumos.

Sendo um ponto importante da educação, a disciplina não pode ser resumida simplesmente com a aceitação de normas e condutas, é muito mais que isso. A qualidade da educação tem que ser voltada para um sujeito que pensa e age com autonomia sem ser de todo indisciplinado, nem de todo submisso. É no respeito às diferenças que aluno e professor aprendem a ser, para melhor desenvolverem as suas personalidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas/organização**. São Paulo: Summers, 1996.

ARRIETA, Gricelda Azevedo. GROLLI, Dorilda. POLENZ, Tâmara (org). **A violência na escola**. Canoas: ULBRA, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. nº9.394/96. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL. **Constituição** (1988). Edição atual em 1999. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1999.

BELL, Judith. **Como realizar um projeto de investigação**. Lisboa: Gradiva, 1993.

CARRARA, João Alfredo. **Indisciplina Escolar: O que sabemos e o que fazemos? Linha Direta**, São Paulo, Atlas, p. 15 –17, set. 2003.

CRUZ, Carla e RIBEIRO, Uirá. **Metodologia Científica – Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004.

DONATELLI, Dante. **Quem me Educa? A Família e a Escola diante da (in) disciplina**. São Paulo: Arx, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURLANI, Lucia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: Meta, mito ou nada disso?** Coleção Polêmicas do nosso tempo, v. 28. 2. ed; São Paulo: Cortez, 1990.

GÓMEZ, Maria Teresa; MIR, Victoria; SERRATS, Maria Gracia. **Como criar uma boa relação pedagógica**. 2. ed. Asa, 2000.

GROSSI, Esther Pillar e BORDINI, Jussara. **Construtivismo Pós-Piagetiano-Um novo Paradigma sobre aprendizagem**. RJ: Vozes, 1993.

LIMA, Teresa. **Manual sobre indisciplina**. In: Centro de Referência Educacional. Disponível em: <www.centrorefeducacional.com.br/perdauto.htm>. Acesso em: 07 maio. 2006.

LOPES, Áurea. Indisciplina. **Escola**, São Paulo, p.44 - 49, jun - jul. 2005

MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 10v. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MACEDO, Lino de. Disciplina é um conteúdo como qualquer outro. **Escola**, São Paulo, Abril, p.24-26, jun-jul, 2005.

MAGALHÃES, Lucia Rupp de. Disciplina X Indisciplina: Por todos séculos e séculos, assim será. **Pitágoras em Rede**, Rio de Janeiro: Record, p. 15-17. set. 2003.

MARTINS, Rosana Maria e CAMPOS, Valéria Cristina. **Guia Prático para pesquisa científica**. Rondonópolis: Unir, 2003.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar, causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: Polêmicas do nosso tempo**. 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Currículo da Educação Básica do DF**. Ensino Fundamental, 1ª à 4ª série. Brasília: SEDF, 2000.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TOFLER, Alvin. **O choque do futuro**. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Record, 1970.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em < www.crmaricovas.sp.gov.br >. Acesso em: 30 fev. 2006.

VOLKER, Paulo. No tempo da indisciplina. **Pitágoras em Rede**, Rio de Janeiro: Record, p. 13-14, set. 2003.

ZAGURY, Tânia. **Disciplina e Indisciplina: Causas, conseqüências e perspectivas. Pitágoras em Rede**, Rio de Janeiro: Record, p.8, set. 2003.

APÊNDICE